

Perspectivas

O vírus da desídia

Margarita Barretto¹

A Covid19, doença provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, é a nova ameaça à humanidade. Não tenho formação em áreas afins às ciências médicas, portanto, tive que ler bastante para entender o que está acontecendo. Aprendi nestes meses que é um vírus difícil de combater porque se adere a nossa pele, se aninha no trato respiratório superior e, conforme a condição do paciente, pode ser letal. Todos os dias podemos acompanhar no site criado para essa função, <https://www.covidvisualizer.com/>, quantos infectados há, quantos mortos e quantos recuperados.

A partir da minha condição de cientista social, somente posso refletir sobre o que está acontecendo frente à presente pandemia nas diferentes sociedades das quais temos notícias. Das quais temos notícias, repito, pois sabemos muito pouco dos países do continente africano, aliás, como não sabemos muito de outras coisas daquele universo. Algo por demais estranho no Brasil, se tivermos em conta que nossos ancestrais são europeus (ibéricos) e africanos em quantidades similares o que me leva a afirmar que deveríamos estar mais informados a respeito. No entanto não é sobre isso que pretendo escrever hoje.

Quando vi que as primeiras vítimas do vírus eram idosos, pensei com real convicção que se tratava de um vírus criado em laboratório para exterminar um setor da população que onera os cofres públicos. Os passivos e suas aposentadorias representam para os estados nacionais, exatamente isso, um capital passivo. Trata-se de uma enorme massa humana que não produz, não gera riqueza e ocasiona muitas despesas.

Hoje, após tantos dias de estar lendo exaustivamente sobre o vírus, não creio que tenha sido criado deliberadamente, porém continuo acreditando que não podemos afirmar nada com certeza. A ex-adolescente consumidora de seriados de aventura pensa que daqui a 25 anos (período padrão em que a maior parte dos documentos classificados são liberados) saberemos toda a trama por detrás disso. Pena Gene Rodderberry, o criador da maravilhosa série Star Trek já ter partido, porque saberia fazer um filme de sucesso.

Mas vamos falar sério.

Sou uma professora e uma pesquisadora e seria grave não atender o discurso da ciência.

A literatura consultada indica que o vírus que nos ocupa e preocupa hoje, assim como antes aconteceu com o da gripe aviária (1997), originou-se na China. Lá também

¹ Museóloga, com Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998), Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1993) e Graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1984). Fez estágio de Pós Doutorado em Antropologia na UFSC (2002). É professora universitária e pesquisadora do CNPq Nível 1C. Leciona na pós graduação das faculdades de Arquitetura da UFSC (Brasil) e da UBA (Argentina).

tiveram origem a Gripe Asiática, que durou de 1957 a 1958 e a Gripe de Hong Kong (1968-1969). Outras zoonoses menos conhecidas surgiram naquela região do Pacífico Sul, por exemplo o Hendra, em 1994 quando o vírus passou de cavalos para humanos, e o Nipah detectado em Malásia em 1998, também originado no morcego e que teve inicialmente o porco como hospedeiro intermediário.

Uma das explicações de porque estas doenças tiveram origem naquela região do planeta é a quantidade de animais selvagens que são comercializados nos mercados para consumo, mortos ou vivos. Pode ser, não sei. Não entrarei no assunto.

A minha preocupação não é tanto sobre a origem da pandemia, mas sobre o como e o porquê da expansão e da velocidade da mesma.

Sei que não é muito científico dizer “não tenho dúvidas”, mas este é um texto ensaístico, portanto vou me tomar essa liberdade. Não sei praticamente nada sobre a origem e a expansão, mas não tenho dúvidas do porque chegarmos ao dia de hoje, 30 de abril de 2020, com 230.400 mortos oficialmente registrados.

Foi pela desídia dos dirigentes que defendem o presente modelo político econômico, esses mesmos que dizem que instalar esgoto é “enterrar dinheiro”.

As políticas públicas nas áreas da educação e da saúde tem sido negligenciadas a partir do momento em que o neoliberalismo passou a dominar o mundo (o mundo todo, oriente e ocidente), após a queda do muro de Berlim.

Na educação os resultados são claros; basta ver como as novas gerações escrevem, falam e se expressam. Não sei se provoca dor ou indignação. O que minha mãe e suas irmãs aprendiam numa escola rural (que tinha somente até a 4ª. série) na primeira metade do século XX era muito mais do que hoje qualquer criança aprende numa escola convencional, mesmo numa boa escola particular. As pessoas daquela geração não tinham faltas de ortografia, tinham uma escrita caprichada, sabiam fazer contas “de cabeça”, recitavam a tabuada, liam fluentemente, sabiam história nacional e universal, sabiam quem foi Mahatma Gandhi e quem era a Rainha da Inglaterra (a mesma de hoje, por sinal). E não havia televisão.

Na saúde, o desfinanciamento da área pública, as privatizações e o descuido com a saúde coletiva propiciaram o retorno de doenças erradicadas, tais como o sarampo, que tinha sido eliminado em 2016. A Organização Mundial da Saúde (OMS) adverte que, desde que não foram totalmente erradicadas, poderiam voltar a poliomielite, a rubéola e a difteria. A falta de políticas de saúde pública e a privatização da medicina fizeram também diminuir as possibilidades de cuidados com a imunização da população. Harvey (2020) afirma que na saúde passou-se a aplicar o modelo de negócios; a doença é lucrativa.

Outro ponto a considerar está no campo da ciência. As peculiaridades do financiamento e da difusão das pesquisas nas revistas científicas também passaram a ser indicadas como coadjuvantes para o atual estado de coisas na saúde. A exigência de publicação em jornais internacionais, que é o padrão, pode distrair da verdadeira vocação da ciência, que é chegar ao maior número possível de pessoas. Por outro lado, às vezes, há assuntos que tem mais utilidade social em nível local e se a ênfase está somente no público internacional, para se obter pontos no meio universitário, pode-se perder de vista aquilo de ser local, equilibrar entre o global e o local.

Sobre a Covid, por exemplo, há mais de 13 mil artigos, número que a primeira vista surpreende e se explica porque as primeiras pesquisas a respeito provêm de 1988, mas poucos eram divulgados até o início deste ano. (Larivière, Shu & Sugimoto, 2020).

O declínio da saúde ainda vê-se agravado por discursos pseudoreligiosos ou em contrário as vacinas, uma postura que não pode ser qualificada de outra coisa, a

não ser ignorante, própria destas novas seitas que estão inclusive dando golpes de estado na América do Sul mas isto não é assunto a ser abordado neste contexto.

Na segunda metade do século XX as mudanças político-econômicas expulsaram as pessoas do campo. Contingentes enormes se deslocaram para as cidades a procura de fontes de trabalho e alternativas de vida. As pessoas foram se empilhando em prédios cada vez mais altos e apartamentos cada vez menores, ao gosto do mercado imobiliário que não se preocupa com a habitabilidade e sim com o preço do metro quadrado. E a superlotação tem provado sempre ser o maior vetor de transmissão de todo tipo de vírus. Se observarmos onde há mais contagiados, veremos que é nas grandes cidades.

Para o cientista político Noam Chomski (2020) esta pandemia é produto da conduta das corporações e dos bilionários, do capitalismo selvagem (ou neoliberalismo) que se instalou há 40 anos. Aberrações aconteceram. EEUU impediu que se fabricassem respiradores a baixo custo, mas depois estava vendendo caros respiradores para a China em março deste ano. A indústria farmacêutica não se interessa tampouco em fabricar vacinas, porque não são lucrativas. Donald Trump, a quem Chomsky define como “o maníaco da Casa Branca” desfinanciou pesquisas da USAID sobre vírus, especialmente, os provenientes da China.

Na mesma entrevista ele qualifica o presidente do Brasil como “uma monstruosidade” e lembra que nas favelas do Rio de Janeiro, quem está ajudando na luta contra a pandemia é o (chamado) crime organizado. E acredito nisto porque vivi a experiência fazendo pesquisa numa favela da cidade de Campinas (SP) na década de 1990. Os moradores relatavam que se precisavam ir para o hospital, só contavam com o traficante do bairro para levá-los.

David Harvey lembra que, se bem os vírus estão em permanente mutação, que se transformem em mortais ou não, depende de ações humanas, desde que os vírus são transportados pelas pessoas.

Os vírus corona são conhecidos desde 1960. O fato de que a atual doença tenha se originado num lugar longínquo - e muito inteligentemente isolado com medidas sanitárias por sinal - fez com que ocidente demorasse a perceber o que estava acontecendo e a desconfiar que poderia haver um maior raio de expansão.

Tão só quando chegou na Itália os alarmes dispararam e somente agora, no final de abril, o número de casos naquele país está diminuindo, após a contaminação de mais de 205 mil pessoas e de quase 28 mil mortos. Harvey qualifica de imperdoável que a Covid 19 tenha sido subestimada, após as epidemias de Ebola e da pneumonia conhecida como SARS (Severe Acute Respiratory Syndrome em inglês ou Síndrome Respiratória Aguda), e procura algumas explicações, com as quais concordo e penso que mais do que negligência, o que houve, foi uma atitude criminosas.

Somente depois de quase morrer pelo vírus, Boris Johnson, Primeiro Ministro britânico, começou a defender a quarentena, que sempre combateu, e declara que embora deseje que a economia seja reativada não quer gerar uma nova onda de doença, o que levaria a um desastre econômico.

Ou seja, reconhecem que consumidor morto não é bom consumidor.

A modo de epílogo deste apartado, minha reflexão é que não são os morcegos, nem foram os porcos ou os ratos que causaram e causam as pandemias; é o neoliberalismo que colocou como prioridade a reprodução do capital sem o fator humano, deixando de lado a saúde e a educação que deveriam ter sido sempre e em todo lugar públicas e gratuitas, porque são direitos humanos.

Quanto ao turismo, ainda de acordo com as palavras de Harvey, cientista em quem confio há muitos anos, donde a reiteração da referência, ele afirma que a atividade

está totalmente paralisada; as companhias aéreas estão falindo, os hotéis estão vazios, os restaurantes fechados e o desemprego chegou a níveis impensados.

O efeito multiplicador do turismo, que sempre foi a sua fortaleza, é, neste momento, nulo.

A lista de serviços relacionados com o turismo é enorme e podemos ver que numa situação de pandemia poucos destes serviços podem ser prestados sem riscos, quer seja para o prestador ou para o consumidor. Hotéis, casas de aluguel, campings, são focos de contato humano intenso assim como os serviços de transporte público que, para serem seguros, precisam levar 10% das pessoas que se deslocam normalmente. Isto vale também para os ônibus de excursões panorâmicas.

Os aviões também precisam ter espaço entre passageiros. Todos os serviços auxiliares de apoio ao transporte, tais como rodoviárias e aeroportos estão trabalhando ao mínimo e diariamente aparecem casos de funcionários contaminados.

Quanto aos cruzeiros marítimos mostraram serem lugares de alta taxa de transmissão. Por exemplo, o Diamond Prince foi notícia por estar em quarentena no mar quase todo o mês de fevereiro; o Norwegian Jewel também passou por um calvário no Pacífico Sul, tendo o desembarco negado em quatro países. Também o Westerdam ficou peregrinando entre portos. O Braema foi proibido de atracar nas Bahamas. Vinte passageiros do Ruby Prince morreram depois do retorno às suas casas em abril. A bordo do Zaandam morreram quatro pessoas aguardando autorização para cruzar o canal de Panamá. A lista é longa; foram reportados problemas semelhantes em trinta cruzeiros.

As agências de viagem, *tour* operadoras e similares, assim como guias, serviços de informação, mundo do espetáculo, serviços culturais, reservas naturais, jardins botânicos, parques de diversão, quadras, campos de *golf*, serviços na praia, cassinos, feiras, estão paralisados. Nas reservas e zoológicos apenas trabalham os cuidadores.

Esta paralização implica que não se emitam cartões ou seguros de viagem e que as casas de câmbio estejam fechadas.

Não haverá eventos desportivos e nem culturais por muito tempo, pelo menos até o fim do presente ano; tampouco eventos educativos. Escolas e universidades não têm planos concretos de reabertura. Não há dinheiro público para subsídios. E ainda está a questão dos trabalhadores informais e os temporários sem direitos trabalhistas.

Há profissões vinculadas ao turismo que estão sim, ativas, por exemplo restaurantes e locais de bebida que funcionem com o sistema *delivery*, transporte público de curta distância, mecânicos e casas de peças, segundas residências e aluguel de carros. Os taxis que podem levar somente um passageiro estão sendo beneficiados economicamente.

Sempre digo que a futurologia não é minha área; não me sinto apta para prever o futuro, não temos como saber sequer o que vai acontecer nos próximos 30 dias. Também precisamos ser muito cuidadosos com as fontes que consultamos; só devemos acreditar em fontes científicas ou institucionais. A imprensa, tanto a oral quanto a escrita não são confiáveis porque obedecem a interesses econômicos, leia-se interesses dos anunciantes ou das corporações proprietárias.

Apesar deste panorama incerto, sendo que sempre fui uma otimista incurável e, tomando como base os antecedentes da década do Pós Guerra (1950) e a desesperação atual que as pessoas têm por ar livre e passeios, acredito que é lógico pensar que o turismo poderá ser a ave fénix do século XXI.

Só não podemos saber a partir de quando.

Referências

Harvey, D. (2020) Anti-capitalist politics in an age of Covid19. Tribune. 23-03-2020. Disponível em: <https://tribunemag.co.uk/2020/03/david-harvey-anti-capitalist-politics-in-an-age-of-covid-19>

Interview: Noam Chomsky on How Bosses Are Making Coronavirus 'Worse, for Their Benefit' April 13, 2020 / Chris Brooks Disponível em: <https://www.labornotes.org/2020/04/interview-noam-chomsky-how-bosses-are-making-coronavirus-worse-their-benefit>

LAVIÈRE, V.; SHU, Fei; SUGIMOTO, C. (March 5th, 2020) The Coronavirus (COVID-19) outbreak highlights serious deficiencies in scholarly communication. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2020/03/05/the-coronavirus-covid-19-outbreak-highlights-serious-deficiencies-in-scholarly-communication/>

OMT Organização Mundial do Turismo. Acessado em 30/04/2020. Disponível em: http://www.world-tourism.org/espanol/statistics/tsa_project/basic_references/index-sp.htm

WHO World Health Organization. Acessado em 30/04/2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports/>

Recebido em:04/05/2020 - Aprovado em: 07/05/2020